

Foucault: a suposta leveza dos poderes

LITERATURA E FILOSOFIA

Em todas as obras de Michel Foucault perpassam algumas lições, inclusive de caráter prático, que nos dizem o quanto os poderes e as instâncias não param de se reorganizar, se redefinir, para o ataque. Os menores mecanismos de poder não deixam ilusões. Portanto, nada, absolutamente, pode se conceder a poderes estabelecidos. Para que não haja concessões, sabe-se, há uma real necessidade de compreensão, em profundidade, de seus mecanismos, suas formas mascaradas e invisíveis de apresentação e materialização.

Poder significa, essencialmente: movimentação controlada, ausência de liberdade, criatividade, intensidades, paixões autênticas. Disciplina. Controle de subjetividades e temporalidades. Pontos indecifráveis que pululam com a aparência de leveza.

A obra *Foucault e a Revolução Iraniana* faz uma leitura brilhante de Foucault a respeito de cultura, política e suas implicações no Oriente Médio.

“Um dos desafios mais provocantes de Foucault ao liberalismo, e pelo menos ao marxismo ortodoxo, foi sua rejeição às alegações emancipadoras do Iluminismo. Ele argumentava que as classes dominantes das sociedades ocidentais gradualmente abandonavam as formas tradicionais e mais violentas de poder, não porque as elites tivessem se tornado mais

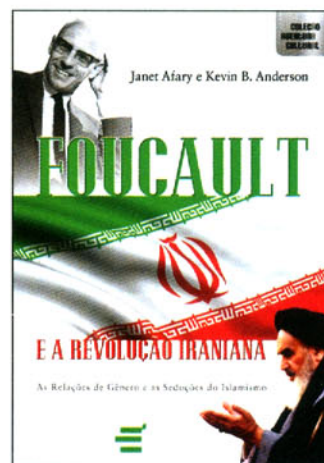
‘civilizadas’ e solícitas, mas porque haviam desenvolvido uma ‘tecnologia da sujeição’ mais sutil por volta do século XVIII, que era mais eficaz e produtiva do que a punição bruta.”

Os autores, entre muitas outras coisas que poderiam ser enfatizadas, destacam, justamente, os desvendamentos de Foucault a respeito de “poderes inocentemente” estabelecidos e mascarando suas reais intenções.

Gradualmente, os autores analisam questões políticas mais diretamente ligadas ao Oriente Médio que foram preocupação de Foucault. A obra revela em todos os momentos de análise, inclusive, a formação do pensador francês. Tal procedimento faz que o leitor obtenha maior lucidez nas posições adotadas pelos autores, assim como pelo próprio pensador francês.

Enfim, a obra em referência traz para os leitores um profundo e importante instrumental para que se julgue, com lentes microscópicas, o que ocorre nos dias de hoje com o Oriente Médio, principalmente ao colocar em evidência, conforme se sabe, os famosos envolvimento, efetivos, de Foucault, com questões políticas do Islamismo, em especial entre os anos 1970 e 1980.

O apêndice do livro traz entrevistas com o pensador francês que dão o toque final da obrigatoriedade da leitura desta obra.



Foucault e a Revolução Iraniana
 Autores: Janet Afary e Kevin Anderson
 Editora: É Realizações
 480 págs.

Questões bastante atuais, como, por exemplo, o papel do intelectual, sua esfera de interferência e outras questões são colocadas em xeque para aqueles que buscam uma trilha mais justa que atenuie desigualdades em todos os âmbitos sociais.

Talvez um dos principais pontos desta obra, bastante atual, esteja numa questão dolorosa e antiga que deve ser enfrentada por todos os que se julgam comprometidos com a realidade política deste planeta miserável: considerando-se os fatos, nos dias de hoje, do Oriente Médio, como ficaria o papel da Religião? Se, no contexto de Marx, ela foi considerada um verdadeiro ópio, como fica seu papel ao movimentar, fomentar e estimular movimentos políticos? (A.M.H.B.)